

A cidade romântica: modernidade, memória e (re)criação do passado na obra de Aquiles Porto Alegre

The romantic city: modernity, memory and (re)creation of the past by Aquiles Porto Alegre

Henrique Perin*
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

75

RESUMO: Este estudo apresenta alguns aspectos da produção historiográfica de Aquiles Porto Alegre através de suas memórias e reminiscências. Utilizando conceitos como Romantismo, Modernidade e Memória Coletiva, procurou-se demonstrar como as crônicas de Aquiles Porto Alegre contribuíram para a criação da história da capital do Rio Grande do Sul. Sempre comparando a Porto Alegre das primeiras décadas do século XX com a do século XIX, Aquiles Porto Alegre cria, em sua obra, a dicotomia entre duas urbes distintas: uma moderna, na qual os valores passados não residem, e outra bucólica, quase pueril, mas mais palatável aos seus desejos. Receptáculo de seus desejos, esta cidade bucólica será constantemente acessada através de suas memórias e recriada conforme as necessidades do autor.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; Aquiles Porto Alegre; Romantismo; Memória.

ABSTRACT: This study presents some aspects of Aquiles Porto Alegre's historiographical production through his memories and reminiscences. Using concepts such as Romanticism, Modernity and Collective Memory, we tried to demonstrate how the chronicles of Aquiles Porto Alegre contributed to the creation of the history of the capital of Rio Grande do Sul. Always comparing the Porto Alegre of the first decades of the 20th century with that of the 19th century, Aquiles Porto Alegre creates, in his work, the dichotomy between two distinct cities: one modern, in which past values do not reside, and the other bucolic, almost childish, but more palatable to your desires. Receptacle of his desires, this bucolic city will be constantly accessed through his memories and recreated according to the author's needs.

KEYWORDS: Chronicle; Aquiles Porto Alegre; Romanticism; Memory.

* Dutorando em História na Pontifícia Universidade Católica do RS. Estuda História Regional do Brasil, com pesquisas sobre a cidade de Porto Alegre, imprensa porto-alegrense e sul-riograndense, História da Literatura e História Cultural.

Apontamentos iniciais

Analisar as obras de Aquiles Porto Alegre nos proporciona uma visão pontual não apenas da produção de legitimidade de sua escrita como cronista da capital Porto Alegre, mas também da relação que o escritor mantinha entre duas cidades, a antiga e a contemporânea. As analogias que realiza entre a capital gaúcha de anos pretéritos, estabelecidas a partir de suas reminiscências e da memória coletiva da cidade (HALBWACHS, 1990), assim como os fragmentos de outros escritores, utilizados na construção de uma cidade que flerta com um modelo utópico e ideal, no qual estão encerrados seus desejos de retorno a um passado fugidio, apontam o modo como sua narrativa concebe a história da urbanização de Porto Alegre. Ao contrapor a cidade bucólica, não capitalista e quase pueril do século XIX com a capital moderna e agitada dos anos 1910 e 1920, o autor realça aquilo que Löwy e Sayre (2015) apontam como a oposição, ou mesmo a contradição entre dois sistemas de valores: os preceitos românticos e de retorno a um estado anterior da sociedade contrapondo-se à realidade social dita moderna. A compreensão da obra de Aquiles¹ enquanto instrumento da escrita da história de Porto Alegre induz o pesquisador a criar uma proposta de leitura de suas crônicas permeada pela possibilidade de vislumbrar a capital sulina como uma cidade alheia, uma cidade que já não existe. Ou melhor, vislumbra-se uma urbe que existe apenas aos olhos do escritor, sobrepondo-se à sua Porto Alegre atual (LOWENTHAL, 2015).

Aquiles José Gomes Porto Alegre nasceu na cidade de Rio Grande em 29 de março de 1848. Segundo filho do inspetor de alfândega Antônio José Gomes Porto Alegre, mudou-se para a capital da então Província de São Pedro em 1859 junto com sua mãe, Joaquina Delfina da Costa Campelo, e seus irmãos, Apolinário e Apeles (MOREIRA, 1989). Jornalista, escritor, biógrafo, poeta,

¹ Neste ponto peço licença aos leitores para subverter a norma culta utilizada pela escrita acadêmica. Como o sobrenome do autor analisado, Porto Alegre, é o mesmo da capital sulina sobre a qual escreve, Porto Alegre, tomo a liberdade de me referir a Aquiles por seu primeiro nome, para que não ocorram passagens como “Porto Alegre observa que em Porto Alegre...”.

funcionário público e professor, Aquiles participou da fundação da Academia Rio-Grandense de Letras em 1901 e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, em 1920. Junto aos seus irmãos foi membro fundador e um dos principais colaboradores da *Revista do Partenon Literário*, que circulou entre 1869 e 1879 na capital do Rio Grande do Sul (FRANCO, 1998).

Aquiles, materializando em crônicas essa capital pretérita, oferece uma “resposta moderna” à modernidade que o autor vivencia no alvorecer do século XX, (re)inventando uma cidade a partir de suas memórias, acessível para seus leitores apenas por meio dos instrumentos disponibilizados por seu criador. Agente criativo e inserido dentro do que pode ser considerado por Bourdieu (2007) um campo intelectual, o cronista gaúcho promove ações vinculadas à produção romântica de uma historiografia sobre Porto Alegre. A história, fenômeno da realidade, é limitada às ações dos indivíduos que serão objeto de memória de outros indivíduos, mas sem necessariamente serem integrados à própria escrita da história, e assim Aquiles encontra nos relatos orais, nas histórias passadas de boca a boca, nas memórias, individuais e coletivas, o material para sua narrativa histórica (HALBWACHS, 1990). Esta operação que transforma a memória em escrita pode dar lugar a dois tratamentos diferenciados, um historiográfico e outro ficcional, mas que não são meras disciplinas distintas de um mesmo modo de saber (LIMA, 2012).

A construção da historiografia enquanto ciência retirou a história de sua inércia e do campo empírico para moldá-la segundo seus próprios arquétipos, nos quais as características de um não pertencem necessariamente ao outro. A consciência dessa distinção, porém, não foi compreendida pelos historiadores e escritores românticos, sucedendo exatamente o contrário. A produção da história pelos românticos é acentuada pelo caráter ficcional, pela adoção da memória como fonte que deve ser avaliada por meio de uma análise interna, considerando os recursos da linguagem para a construção de uma fábula aceitável e verossímil. A análise externa, ferramenta da escrita histórica e não

ficcional, reserva a análise de sua escrita através do referente. É o caso do significado ligado ao significante. Há, entretanto, um aspecto que pode ser abordado de forma mais complexa quando se pensa na literatura brasileira, e principalmente gaúcha, entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do XX: a produção literária como sintoma de um modernismo melancólico e revoltoso. Grande expoente da característica moderna e romântica, a obra de Aquiles Porto Alegre se apresenta como ponto nevrálgico da relação entre o cronista, suas memórias urbanas e a inserção de seu trabalho dentro do gênero da crônica, permeada pela corrente literária do Romantismo sul-rio-grandense, assim como a dualidade entre o passado e o moderno e sua crítica à modernidade. A relação entre as memórias do cronista na reconstrução de uma Porto Alegre distante da vivenciada em seu presente pode ser compreendida pela “recusa romântica da civilização capitalista e industrial [que] só poderia ser formulada com base em valores e ideais herdados do passado” (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 38).

Romantismo enquanto crítica moderna à modernidade

Para discutir os conceitos de “modernidade” e “romantismo”, dois substantivos árduos de trabalhar, serão utilizados alguns autores como Löwy e Sayre (ibid.), já que ambos delimitam fenômenos abrangentes, do mesmo modo que Henri Meschonnic (2017) e David Lowenthal (2015). Como o primeiro substantivo não deve ser dissociado ao segundo, será necessário discorrer acerca deles de modo um pouco mais detalhado para que seja possível tratar da produção literária de Aquiles e inseri-la dentro da corrente romântica.

Löwy e Sayre (2015) utilizam um amplo leque de definições para tratar de termos como “romântico” e “romantismo”, apontando para uma unidade real nos diversos usos dos termos que, convergindo intuitivamente, operam na criação de uma comunidade de sensibilidades. A ideia de que o Romantismo seja a resposta aos sonhos frustrados e às promessas não cumpridas da

Revolução (burguesa) Francesa é refutada e apresentada como uma reação contra o modo de vida na sociedade capitalista. O Romantismo, assim, representa uma crise da modernidade, isto é, da civilização capitalista em nome de valores e ideais de um passado pré-capitalista e pré-moderno, podendo ser considerado como a visão de um mundo que se constitui enquanto forma específica de crítica da modernidade (ibid.). A dificuldade em apontar os alicerces sobre os quais o Romantismo se apoia, neste caso, especificamente em sua vertente literária, não se mostra apenas para os autores franceses. Ao tentar delimitar as fronteiras do Romantismo, apresenta-se a complicada tarefa de encontrar uma explicação geral, uma teoria que una as diferentes concepções por conta das contradições que o termo assume para distintos autores nas mais variadas áreas. Arthur Lovejoy (1965), por exemplo, aponta que “a palavra ‘romântico’ significou tantas coisas que, em si, não significam nada” (ibid., p. 39). Então, se tudo é romântico, nada o é, e desse modo se torna mais coerente tratar de “romantismos”, mas não de um Romantismo universal. Outro modo seria descartar as contradições do Romantismo e explicá-las através da incoerência e da frivolidade dos escritores: utilizar as referências à feminilidade do Romantismo, normalmente de modo pejorativo, sinônimo de degradação moral ou inferioridade intelectual, mas tal subterfúgio deve ser descartado pelo seu contrassenso, sua inconsistência e mesmo seu absurdo. Os próprios autores rejeitam tal ideia (LÖWY; SAYRE, 2015).

Também poder-se-ia tentar encontrar denominadores comuns, certos valores compartilhados ou mesmo conjuntos coerentes de ideias (vida, amor, liberdade etc.), ou ainda uma revolução do espírito contra o pensamento estático e mecânico. É possível ir um pouco mais além e citar Morse Peckham, para quem “o Romantismo é pura afirmação da identidade, que não pode fixar-se em nenhuma orientação precisa” (PECKHAM, 1975, apud LÖWY; SAYRE, 2015, p. 22). Henry Remark (1971), apenas para citar mais um exemplo, encontra 23

denominadores comuns entre obras românticas do século XIX e início do XX²: rememoração do medievalismo, fluidez da imaginação, culto às emoções fortes, subjetivismo etc. Estes, entretanto, são apenas sintomas do movimento, mas ainda não respondem às questões: o que é Romantismo? Qual o seu conceito?

Löwy e Sayre (2015) concebem uma estrutura na qual o elemento central é a tensão e o jogo de “perde-e-ganha”, de oposição e contradição entre dois sistemas de valores: o dos românticos (os quais temos acesso apenas aos seus sintomas e ecos) e o da realidade social moderna. Entrando em outra seara, mas ainda permeando a questão do Romantismo, a modernidade é, para os autores, um fenômeno fundamental e abrangente: a civilização moderna é engendrada pela Revolução Industrial e a generalização da economia de mercado. O Romantismo, então, deve ser concebido como um aspecto mais amplo, mais complexo e multifacetado, e que nasce de uma oposição a essa realidade capitalista e moderna. György Lukács (2007) partilha a mesma compreensão de Löwy e Sayre (2015), apontando que o Romantismo se caracteriza por uma “desilusão”, uma inadequação da alma à realidade, pois a alma é mais ampla e mais vasta que os destinos que a vida lhe é capaz de oferecer. Assim, essa sensibilidade romântica demonstra ser portadora de um impulso anticapitalista cujas críticas recaem sobre seus efeitos negativos, percebidos como um infortúnio por toda a sociedade. A “coisificação” dos indivíduos, a “desumanização” do humano e a transformação das relações sociais em relações entre coisas, entre objetos inertes, assim como a crítica aos modos de produção, ao Estado e ao aparelho político, transparecem na

² Estes 23 denominadores comuns e universais, os quais Remak chama de “palavras-chave”, são: autoconsciência de grupo; interesse em mitologia “não clássica” (mitologia nórdica, por exemplo); interesse em folclore e primitivismo; rememoração do medievalismo; culto às emoções fortes e ao sensualismo; subjetivismo, introversão e culto à originalidade; anti-neoclassicismo; contrários à unidades pré-estabelecidas de tempo e lugar; anti-oitocentismo; inquietação e falta de limites; interesse nos elementos naturais e paisagísticos; ênfase positiva na religiosidade; misticismo; mal-du-siècle; liberalismo; cosmopolitismo; nacionalismo; supremacia do lirismo; o despertar do épico nacional; drama e romance histórico; simbolismo; retórica; ironia (REMAK, 1971, p. 237-242).

crítica romântica e assumem formas distintas de expressão na literatura (LÖWY; SAYRE, 2015).

O Romantismo é definido, então, como uma “crítica moderna da modernidade”. Mesmo revoltados contra a modernidade, os românticos não poderiam deixar de ser influenciados pela sua época e, desse modo, ao reagir contra a modernidade, eles se manifestam em termos modernos, mesmo que de modo velado, subjetivo e ambíguo. O romantismo é apenas uma maneira de criticar o mundo moderno: a visão romântica caracteriza-se pela convicção dolorosa e melancólica de que o presente carece de determinados valores humanos essenciais; o Romantismo, assim, toma um momento do passado real, no qual as características funestas da modernidade ainda não existiam e os valores humanos, sufocados por ela, ainda permanecem e transformam-no em utopia, moldam-no como a encarnação de suas aspirações. É assim que se explica o paradoxo aparente de que o “passadismo” romântico também pode ser um olhar para o futuro: a imagem de um futuro sonhado, além do mundo atual, inscreve-se na evocação de uma era pré-capitalista (ibid.).

81

Retomando à questão do anticapitalismo, Löwy e Sayre (ibid.) utilizam Karl Marx para explicar a “abstração racionalista” do movimento romântico e a concepção de que a economia capitalista, por ser baseada em um sistema de categorias abstratas (trabalho abstrato, valor abstrato de troca, dinheiro etc.), sofre críticas ferrenhas dos românticos, que se baseiam em um combate ideológico de retorno ao concreto, ao palpável. O historicismo é uma das formas mais importantes deste “pensamento concreto”, pois contrapõe a razão que se supõe intemporal e humana (e mesmo abstrata) a uma redescoberta da história. A oposição romântica à abstração racional também é percebida por meio da reabilitação de comportamentos não racionais, como o amor sendo uma emoção pura, a revalorização dos sentimentos, das intuições, das premonições etc. Essa abordagem pode levar a uma apreciação mais favorável da “loucura” como ruptura do indivíduo com a razão socialmente instituída. O Romantismo,

interpretado como resposta cultural “global” a um sistema socioeconômico generalizado, é um fenômeno especificamente moderno, o que corresponde a um salto qualitativo no desenvolvimento histórico das sociedades. Desse modo, o Romantismo é uma resposta contra os diversos efeitos de uma economia de mercado incipiente, especialmente contra a penetração dessa civilização na vida cultural, assim como se coloca em contraste com certas facetas ideológicas do “Espírito das Luzes” e contra a “reificação” da vida, reduzida a cálculos matemáticos (LOWY; SAYRE, 2015).

Henri Meschonnic (2017) estabelece o “principal perigo” que a modernidade proporciona: a novidade, o novo. Não é a tradição, a valorização dos costumes ou dos velhos hábitos, mas o receio do “moderno” é o novo, pois é com ele que a modernidade se aparenta. Assim como o moderno, a novidade tem duas esferas, uma objetiva e outra subjetiva, sendo, concomitantemente, real e mítica. Como o “novo” tem necessidade do “antigo” para que seu aparecimento e sua manutenção tenham significado, principalmente devido à oposição que ambos oferecem, percebe-se a grandiosidade da Porto Alegre pretérita nas crônicas de Aquiles exatamente por essa dicotomia. A capital moderna era um perigo por ser potencialmente tão gloriosa quanto a cidade acanhada e com aspectos rurais.

A crítica moderna da modernidade, evocada por Löwy e Sayre (2015), vai ao encontro da concepção de oposição social do indivíduo de Meschonnic (2017). O sujeito, ao se opor à sociedade e às sociabilidades modernas que vivencia, exerce uma reação social e deixa transparecer a simultaneidade de sua percepção do presente, mas com a crítica e os olhos voltados ao passado. A modernidade, porém, influenciando sobre as técnicas capitalistas e sobre o núcleo urbano, adquire um aspecto que o autor delimita como “antimodernidade” quando se refere à cultura. A antimodernidade renova os antigos dualismos e necessita de técnicas, fórmulas e teorias apoiadas nas áreas da História e do Sentido, transformando os modelos antigos em passados idealizados:

Não se pode separar a modernidade na arte, na literatura, da modernidade do mundo, da técnica. Rejeição ou adesão, é de toda maneira parte do conjunto. Conduzida pelo mesmo movimento: “Interrogar a modernidade é também interrogar, indiretamente, o poder, pois seus apoiadores assumem como tarefa tomar conta dela, e seus contestadores a recusam como enganadora, despersonalizante” (ibid., p. 43).

A modernidade, enquanto conceito, não está limitada à cidade, ao urbano. A modernidade são as “massas”, ou melhor, a conjunção de três categorias: a técnica, as massas e a politização. Desse modo, a literatura opera - e neste caso a obra de Aquiles Porto Alegre é um excelente exemplo - não apenas como documento, mas dentro de seu próprio campo, regido por características particularmente modernas, sujeitas a contradições, consensos e conflitos. A modernidade, em confronto com um passado idealizado, ou projetado de forma caricaturada, encontra seu inimigo naquilo que carrega em si mesma: o próprio tempo presente. A confusão criada pela técnica e pela ciência modernas, inseparáveis da vida urbana no período da produção literária de Aquiles, fez com que a própria percepção dos “tempos modernos” fosse invertida e se tornasse conflito e barbárie (MESCHONIC, 2017).

Não é possível separar a modernidade na arte e na literatura da modernidade do mundo, este composto por conhecimentos técnicos e sociais que compõem a estrutura da cidade que se vê moderna. Os efeitos que o assombro pelos objetos modernos - cinema, automóveis, rádios etc. - causa nos sujeitos que vivem na Porto Alegre do início do século XX, mas que tem em suas retinas a imagem de uma capital acanhada, oitocentista, são distintos, mas a Aquiles eles são mais específicos: o cronista, ao se opor às mudanças sociais, social ele é; do começo ao fim, social. Enquanto alguns se assombram com a *urbs* moderna, fascinados com o espetáculo que o cinema proporciona, outros, já nascidos sob o signo do século XX, não se comovem mais e veem o as exhibições cinematográficas como algo corriqueiro, assim como o *footing* na rua dos Andradas e os *rendez-vous* nos cafés, por exemplo. Aquiles, por sua vez, descortina em suas crônicas o que ele percebe serem os malefícios e as

desfigurações que a civilização incide em sua cidade. A conjunção das três categorias de Henri Meschonnic - a técnica, as “massas” e a politização - pode ser encontrada nos escritos do cronista sul-rio-grandense e, através dela, compreender de que maneira o autor percebe a modernização de Porto Alegre e chegar a algo próximo de sua visão “antimoderna” ou, em outras palavras, de sua crítica moderna à modernidade (ibid.).

As “massas” são compostas pelas pessoas que habitam, passeiam e operam na cidade, são os indivíduos, o elemento humano que em sua faina reformista toma o que entende por “antigo” e transforma, reelabora ou simplesmente sepulta o que não mais lhe serve; a “técnica” é o instrumento através do qual as “massas” transformam a *urbs* e reinventam-na em um eterno processo, criando algo “novo”, mais condizente com suas ambições; a “politização” é o campo de ação em que ocorre o embate e o receio da “revolução” que as “massas” provocam ao utilizar as “técnicas” para incutir a modernidade à sociedade (ibid.). Citando Denis Goedel (1984, p. 82-83), “as ideias novas, a arte moderna, a literatura, os gostos, a moral, as formas de vida não conformistas produziam neles [os intelectuais comunistas] uma repulsa venenosa”. Esse último ponto, entretanto, não faria sentido antes dos desdobramentos da Revolução Russa de 1917, mas o pavor de Aquiles pelo comunismo e pelo anarquismo (PORTO ALEGRE, 1925b, p. 101-103) demonstra que os ecos políticos do velho mundo encontraram ressonância em Porto Alegre.

A cidade (re)criada

Perceber a capital sul-rio-grandense como um “povoado da roça” cujas praças não eram mais que “depósitos de lixo e outras imundícies” (PORTO ALEGRE, 1925a, p. 76), leva o leitor a compreender a operação discursiva de Aquiles como a que Löwy e Sayre (2015) apontam ser uma resposta “contrarromântica” ao romantismo e uma crítica moderna à modernidade. Encontrando na nostalgia e na saudade se não um repúdio aos novos valores da capital Porto Alegre no

alvorecer do século XX, ao menos um julgamento duvidoso, o cronista mescla à sua narrativa uma dimensão modernizante. É nostálgico e órfão de uma cidade agrária, mas encanta-se com a urbe moderna. Seus críticos - e Aquiles os aponta, mas não nominalmente - percebem esta contradição e o acusam, mas o autor alega que:

Como velho cronista das coisas de antanho, eu procuro pintá-las, a pinceladas rápidas e nervosas, dando-lhes como posso as cores da minha modesta palheta.

E se algumas vezes aproveitei o ensejo para exercer o meu direito de crítica social, foi mais como um observador saudoso da simplicidade antiga que como um duro censor dos costumes que afinal estão de harmonia com o espírito do tempo e as imposições da moda. Entretanto, parece, não foi assim entendido por alguns, que mais realistas que os reis, entendem andar vendo ou descobrindo, em tudo o que os outros escrevem, intenções ocultas, pondo, afinal, à mostra as suas próprias envenenadas intenções...

Paciência! (PORTO ALEGRE, 1923b, p. 53).

À nostalgia de um paraíso perdido agrega-se, no mais das vezes, a busca do que não mais existe. É uma resposta ativa, uma tentativa de reencontrar ou recriar um estado ideal que desapareceu. Essa busca pode realizar-se segundo várias modalidades: no plano do imaginário ou do real, na perspectiva de uma realização no presente ou no futuro. Uma tendência importante empreende a recriação do paraíso no presente, em um plano imaginário, pela poetização ou estetização do presente. É, pois, com o olhar para o passado de Porto Alegre que Aquiles critica o presente. Refugiando-se em suas memórias e evocando um tempo idílico, ele encontra no passado da cidade o refúgio da Porto Alegre estrangeira, industrial e com ares capitalistas, trocando a *Belle Époque* sulina, que se apresenta no raiar dos anos 1920, pelo pitoresco e exótico vilarejo açoriano. Suas crônicas podem ser categorizadas, desse modo, como pertencentes à articulação “Restitucionista”³ do Romantismo, que tem como

³ Considerado por Löwy e Sayre como a mais importante articulação do romantismo, o Romantismo Restitucionista é a categoria que engloba o maior número de escritores e pensadores românticos. O tipo restitucionista é definido pelo desejo de restauração ou recriação de um passado pré-capitalista e nostálgico. Nem realisticamente resignado diante de um presente degradado e tampouco orientado para uma transcendência ao mesmo tempo do passado para o presente; o restitucionismo procura o retorno do passado, do objeto da nostalgia, que pode ser uma sociedade agrária tradicional (LÖWY; SAYRE, 2015). No caso de

objeto de nostalgia uma sociedade tradicional. Grande parte da produção do cronista está inserida neste universo, mas como Löwy e Sayre (2015) elucidam, muitas vezes um mesmo autor flutua entre diferentes concepções românticas. Aquiles percebe seu cotidiano e escreve a partir do presente, mas sempre retorna às suas memórias para legitimar o que vê. Cabe recordar que a Porto Alegre da década de 1920, quando da publicação - em alguns casos eram republicação - da grande maioria de suas crônicas, é distinta da cidade na qual o cronista viveu no período 1860/1890: a cidade bucólica da segunda metade do século XIX difere da capital moderna das primeiras décadas do XX.

Pode ser citado também o sentimento de retorno ao lar, no sentido espiritual, no qual a nostalgia do passado está ligada à crítica ao capitalismo e a um passado idealizado. O desejo de retornar a algo anterior é a essência do movimento romântico. Esse passado, objeto de nostalgia, pode ser imaginado ou construído através de memórias coletivas e individuais, como no caso das obras deste estudo. É um determinado momento desse passado, no qual as características infaustas da época moderna não existiam, que é utilizado para criar uma Porto Alegre ideal, quase utópica. Roberto Gilodi (2009) apresenta um olhar semelhante ao analisar *Anton Reiser*, de Karl Philipp Moritz. Segundo Gilodi, a melancolia é a condição permanente do espírito romântico, da contradição cartesiana entre a razão e o sentimento. Tal dualidade marca a fronteira que separa a inatingível completude estética do passado e a verdade irremediável do caráter accidental do presente.

A oposição romântica ao moderno e ao capitalismo industrial não pode ser tomada como imutável ou inconteste. Os românticos reagem a um certo número de características da modernidade que lhe parecem intoleráveis, e com Aquiles não ocorre de modo distinto. A perda de sentimentos de alegria e regozijo para com diversos aspectos da cidade, seja em relação ao meio físico, às festividades

Aquiles, é a Porto Alegre de sua adolescência, uma cidade que está suficientemente próxima para ser acessada através de suas lembranças.

ou quanto a aspectos mais subjetivos, como o “caráter” dos jovens (PORTO ALEGRE, 1922a; 1923a; 1923b), não escapa à pena do cronista. É possível perceber certo desencanto do autor para com a sua atual Porto Alegre, seus habitantes e os desvios e as mudanças de seus costumes.

A simples e pura depreciação do moderno, entretanto, não é a tônica das obras de Aquiles: o autor rememora a cidade oitocentista e a coloca em comparação com a capital moderna de 1920. Opondo o passado à modernidade, sua obra apresenta a convicção dolorosa e melancólica de que o presente necessita de alguns valores essenciais que foram alienados com o crescimento da urbe. Tal premissa é o ponto de partida da compreensão do estado de melancolia que Löwy e Sayre problematizam em seu livro. Conforme os autores:

Dado que a sensibilidade romântica representa uma revolta contra a civilização criada pelo capitalismo, ela é portadora de um impulso anticapitalista. (...) O romantismo é uma crítica moderna da modernidade. Isso significa que, mesmo se revoltando contra ela, os românticos não poderiam deixar de ser profundamente influenciados por sua época. A visão romântica constitui uma autocrítica da modernidade (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 43).

87

O esforço de Aquiles em recordar e oferecer condições para seus leitores também relembrem (ou terem ciência) da capital gaúcha através da sua escrita pode ser considerado como a vontade de apresentar um passado que já não existe em seus suportes materiais e de se situar e reconhecer a si mesmo como observador de uma urbe moderna. Nesse contexto, compreende-se a intenção de Aquiles em escrever suas lembranças a partir da concepção de memória coletiva de Halbwachs (1990), visto que as mesmas podem ser recordadas por outrem, inclusive os eventos que somente o autor tenha vivenciado. É necessário apenas um testemunho para que um fato, uma lembrança, perpetue-se e se torne memória para um grupo, sendo lembrado em diversas ocasiões. Esse testemunho, conforme Halbwachs, é recorrido “para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já tivemos alguma informação” (ibid., p. 29).

A produção de Aquiles não se limita apenas ao “passadismo” e à necessidade de exaltar as características e os valores da cidade ainda intocada pela civilização. O autor é irônico, de certo modo, quando relembra as festividades de São João, Santo Antônio e São Pedro e as compara às atuais preferências da população porto-alegrense. Os dias festivos eram mais aguardados no passado do que atualmente, como demonstra em trechos da crônica “Era uma vez”, no livro *Paisagens mortas*, de 1922:

Antigamente os dias e as noites de Santo Antônio, São João e São Pedro eram esperadas com ânsia carinhosa e o alvoroço das ruas se casava com a alegria dos lares. Mal vinham eles se avizinando, já as tavernas penduravam às suas portas arcos de barricas cobertos com papel de cores, de onde pendiam caixas de bichas da China, busca-pés, pistolões, rodinhas, bombas, foguetinhos de vintém - toda essa pirotécnica de porta da rua porque a gurizada era louca e que nessas noites frias enchia as ruas de calor e animação. (...) As sortes de Santo Antônio, São João e São Pedro foram-se também e o precioso tempo que se perdia com elas aproveita-se hoje nos cinemas. Destas noites tradicionais só nos resta o friozinho agudo e penetrante, que, agora, mais se faz sentir porque não há mais fogueiras às portas das ruas para abrandá-lo, espalhando calor e peluciando a atmosfera, que, valha a verdade, está hoje de um azul lindíssimo. Tout passe, tout casse, tout lasse... É a civilização (PORTO ALEGRE, 1922a, p. 62-68).

A relação entre o testemunho de Aquiles e o de outrem, da coletividade, é harmoniosa, já que ambos se complementam como parte de um mesmo grupo e compartilham o evento vivido e recordado. Halbwachs apresenta uma outra via para a concepção de memória, que, mesmo particular, remete à experiência de um grupo; o indivíduo é portador da lembrança, mas como está sempre em interação com a sociedade, suas memórias permanecem coletivas e são recordadas e reutilizadas por outros, mesmo quando se trata de eventos individuais (HALBWACHS, 1990). Aquiles, aponta Charles Monteiro (2006), utiliza esse recurso em suas crônicas para resgatar a questão das alterações nos espaços de convivência urbana provocadas pelo passar do tempo. Nesses casos, o cronista refere-se a acontecimentos, eventos e passagens delimitados no final do século XVIII e no início do XIX. Nas crônicas em que Aquiles retomava as

origens e o momento inicial da povoação de Porto Alegre, o escritor se referia a:

um tempo que estava além da experiência urbana e de vida do autor, um tempo ligado à memória coletiva e a uma tradição de escritura de crônicas. A elaboração da memória deste período era fruto da reescritura de conhecimentos recebidos pela tradição oral e pela leitura de outros cronistas da cidade (Antônio Álvares Pereira Coruja e Sebastião Leão) e de estudos históricos sobre a colonização do Rio Grande do Sul de autores que lhe eram contemporâneos (ibid. p. 300-301).

A memória individual do autor não deixa de existir, mas contempla distintos contextos e conta com o auxílio de diferentes participantes, permitindo que se realize uma transposição de recordações de seu aspecto pessoal para se tornar um conjunto de acontecimentos partilhados por um grupo, convertendo-se, assim, de uma memória individual para uma memória coletiva. Desse modo, ocorre uma relação inseparável entre as memórias individuais e coletivas, já que não é acessível ao indivíduo recordar das lembranças de um grupo com o qual suas memórias não se identifiquem e sejam compartilhadas. Para que a memória individual se aproveite da memória coletiva é necessário não apenas que sejam apresentados seus testemunhos, mas também que a primeira esteja inserida na segunda e que existam inúmeros pontos de contato entre ambas para que a lembrança venha a ser constituída sobre uma base comum (HALBWACHS, 1990). Pode-se afirmar, assim, que a construção das recordações de um indivíduo é uma combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele faça parte, participe e sofra influências. Esse gancho nos leva a outro ponto a ser discutido para que as recordações se tornem comuns a um grupo e produzam sentido, estabelecendo lugares nos quais se consolidem memórias: a concepção de comunidade e a partir dela e da relação entre o “novo” e o “velho”, assim como a de uma cidade. De acordo com Charles Monteiro (2006), Aquiles descreve Porto Alegre em suas crônicas, mas diferenciando-a entre a antiga e a nova urbe, tornando o *Jornal do Comércio* um dos “lugares de memória” (NORA, 1993) da capital e marco de suas lembranças sentimentais, sempre revisitadas em suas narrativas enquanto *flâneur* no centro da cidade:

A busca de uma “ponte” entre um passado ameaçado de desaparecimento e um presente marcado pela mudança faz Aquiles tramar em suas crônicas os fios das recordações do passado e das experiências do presente. Ele escreveu para compartilhar esse saber com os seus contemporâneos e religar-se com o passado, tendo o leitor como testemunha e cúmplice da elaboração da memória de suas experiências urbanas. Ele estava a dialogar com os companheiros de jornada e as novas gerações, às quais ele transmitia esse saber como um legado, uma herança que julgava vital preservar do esquecimento. Aquiles criou uma ponte através de sua escrita para reestabelecer laços com o passado e criar um lugar de memória para si mesmo (ibid., p. 317-318).

Benedict Anderson (2013) relaciona a memória ao esquecimento nos séculos XVI e XVIII, alinhando sincronicamente termos como “novo” e “velho”, coexistindo dentro de um tempo vazio, linear e homogêneo. Tal atividade decorre da existência de grupos de indivíduos que conseguem se conceber vivendo em paralelo a outras sociedades, cuja simultaneidade permite que a comunidade “nova” se estabeleça de forma duradoura e esteja subordinada à sociedade “velha”. Em outras palavras, o moderno só se verá como “moderno” no momento em que se reconhecer no “antigo”. Essa premissa se encaixa perfeitamente na leitura que Aquiles faz de Porto Alegre: a capital moderna só se desvela aos seus olhos porque está consolidada e constituída na cidade antiga, que existe em suas memórias e serve como alteridade à atual. O cronista percebe essa sincronia e conecta não a Porto Alegre antiga à sua contemporânea, mas realiza a operação contrária. É a capital republicana do século XX que se vê refletida na Porto Alegre bucólica do XIX.

A aceleração do tempo notada por Aquiles pode ser compreendida pela distinção dos *topoi*, realizada por Koselleck (2006), que compreende a relação que os indivíduos têm com o transcorrer do tempo. Se até o século XVIII o *topois* antigo revelava a orientação que o ser humano tinha para com o passado, com o *topois* moderno a visão do indivíduo voltar-se-á para o futuro. Após o século XVIII, a aceleração do tempo começou a ser vivenciada de modo distinto e os sujeitos passaram a olhar para o futuro, pois o progresso influenciava as leituras da sociedade que poderiam ser realizadas. Na metade do século XIX, no

entanto, ocorreu a percepção de que o presente oferecia um conjunto muito mais amplo de possibilidades para compreensão do passado e que a evolução histórica deveria não mais ser observada de maneira linear (PALERMO, 2017). Aquiles percebe a aceleração do tempo e volta seus olhos para o passado de Porto Alegre, ao mesmo tempo distante e vigilante dos prognósticos que o futuro reservava.

É possível citar como ecos da Porto Alegre moderna o exponencial aumento de sua população, as novas formas de sociabilização, lazer e trabalho, assim como a criação de novos arrabaldes e bairros, tanto industriais quanto operários. A iluminação por meio de lampiões e velas é trocada pela eletricidade, relativamente eficiente nas ruas da região central, mas inconstante quanto mais se afasta do centro; telefones e telégrafos são instalados e, apesar de ainda ocorrer a troca de correspondências por meio de cartas, as transformações econômicas pelas quais a cidade passa são mais dinâmicas, tal qual a maneira como as pessoas percebem as mudanças na *urbs*. Nas primeiras décadas do século XX, os projetos de revitalização urbana adotaram a imagem de “cidade progresso” para Porto Alegre. Articulando questões arquitetônicas, urbanísticas e sanitárias, as modificações estruturais executadas na capital sulina seguiram preceitos do higienismo, modelo parisiense em voga no período (DAMÁSIO, 1997). Segundo Cláudia Damásio:

Em nome de uma sanidade física, a estrutura colonial ainda renitente foi implodida para dar lugar a uma nova, moderna, higiênica e ordenada. Os becos, outrora foco de doenças e lócus do crime e da prostituição, assim como os cortiços, [...] deram lugar a grandes avenidas, ordenadas, iluminadas, calçadas e ‘limpas’ (ibid., p. 148).

É necessário entender que a capital se transforma em agente de sua própria construção. Os ambientes públicos e privados de Porto Alegre têm seus usos modificados: a dinâmica de suas vias, de seus espaços e de sua população são alterados e criam a cidade moderna (CHRISTLIEB, 2004). Jacobs (2018) pode ser citada quando se percebe que a capital sulina criou a necessidade de diversificar os usos de seus espaços, tanto físicos quanto humanos, com o fim

de proporcionar alterações econômicas e sociais. Parafraseando Michel de Certeau (1982), Porto Alegre tornou-se protagonista da criação de seu próprio espaço racional ao se perceber moderna. Estes aspectos modernos destoam da capital gaúcha descrita por Aquiles na crônica “Porto Alegre de ontem e de hoje”, presente no livro *Através do passado*, de 1920, na qual aponta que a construção da cidade iniciou “irregularmente, mas obedecendo às instruções da metrópole” (PORTO ALEGRE, 1920a, p. 19). Apesar do início acidentado, o autor comemora que as tais instruções tratavam de aspectos gerais e caros ao bem-estar e ao futuro dos primeiros moradores da cidade:

A cada casal açoriano era concedido um quarto de légua de terra, com a condição de logo ocupá-la, edificar aí e cultivar. As ruas não teriam menos de 40 palmos de largura. “Por elas e nos lados se porão as moradas em boa ordem, deixando entre umas e outras e para trás lugar suficiente e repartido para quintais, atendendo assim ao cômodo presente como a poderem ampliar-se para o futuro”. Bem se vê que, nestas instruções falava um grande senso prático e cuidadoso não só do presente como do futuro (ibid., p. 19).

92

Outro aspecto da crítica à modernidade pode ser encontrado com o subterfúgio de um dispositivo “moderno” nos primórdios do século XX: o cinema. Aquiles percebe o que ele considera a deterioração dos costumes e dos hábitos das famílias na cidade de Porto Alegre na crônica “Os jogos de prendas”, publicada em *Serões de inverno*, em 1923. O autor resgata suas reminiscências realizando a tarefa moderna, conforme Löwy e Sayre (2015), de criticar as atividades e relações sociais do início do século XX, quando a civilização e os hábitos modernos acabaram com a tradição de noites em família. Colocando a sociabilidade moderna em contraposição com os costumes do XIX, o cronista recorda com saudosismo e melancolia as reuniões familiares de seu tempo de juventude:

Compridas e frias vão correndo estas noites de inverno em que, no recolhimento do meu gabinete de trabalho, fechado contra o sopro álgido da rua, vou evocando e vivendo doces coisas do passado, para me consolar do presente tão cheio de coisas amargas. (...) O cinema, pode-se dizer, acabou de matar a “vida em família”, que há muito tempo já vinha perdendo o seu encanto e desaparecendo. (...) À hora

que escrevo, muitos lares estão desertos, porque as salas dos cinemas estão repletas. Antigamente não era assim. Por estas noites frias, quando as pneumonias não eram tão fáceis, como hoje, rara era a casa em que a esta hora não estivessem reunidas duas ou três famílias gozando a delícia de uma temperatura macia e de um risonho e inocente serão (PORTO ALEGRE, 1923a, p. 178-179).

Ainda como exemplo da crítica moderna do romantismo na obra de Aquiles, da melancolia que o autor apresentava em suas crônicas, pode-se voltar àquela intitulado como “Liceu Dom Afonso”, também publicada em *Serões de inverno* (1923). O escritor, ao apresentar a dualidade entre os “jovens” e a “mocidade” do século XIX com os do XX, relembra com nostalgia suas diferenças. Apesar de serem “feitos com o mesmo barro”, os alunos de antanho eram mais estudiosos, mais comprometidos que os atuais:

Ali, no alto da rua da Ladeira, na esquina, onde está agora o edifício da Biblioteca Pública, há uns sessenta anos, funcionava num velho sobrado, com entrada pela rua da Ponte, o Liceu Dom Affonso. Este estabelecimento de ensino prestara bons serviços à mocidade daquela época, que era mais estudiosa que os rapazes de agora. Tanto os daquele tempo quanto os de hoje foram feitos, porém, com o mesmo barro e cosidos no mesmo forno. A diferença que havia era apenas de época e de meio (PORTO ALEGRE, 1923a, p. 127).

93

Pesquisando as reminiscências de escritores e jornalistas, relatos de viajantes ou outras memórias, percebemos a criação de uma narrativa de um determinado fato ou momento, mas não todas as possibilidades de leituras sobre o assunto. David Lowenthal (2015) aponta que, até o século XIX, o passado histórico fora concebido de modo similar ao tempo presente, quase como um pensamento linear, como se o hiato entre os acontecimentos pretéritos e atuais não existisse e ambos fizessem parte do mesmo momento histórico. Pode-se utilizar o exemplo de uma “linha do tempo” na qual fatos, datas e grandes ocorrências são adicionados um após o outro, como se um fosse a consequência imediata de seu precedente.

A mudança dessa perspectiva linear entre o passado e o presente ocorreu na Europa em fins do século XVIII, mas só foi percebida no Rio Grande do Sul na segunda metade do XIX, já se aproximando do XX. Com os ecos da corrente

romântica europeia, passou-se a considerar o passado como um conglomerado de “paisagens estrangeiras”, moldadas por histórias e personagens únicos (LOWENTHAL, 2015). Quando se pensa na narrativa do passado de Porto Alegre, a capital gaúcha, cuja “crônica está escrita sem falhas” (PORTO ALEGRE, 1920a, p. 5), podemos ler a obra de Aquiles como o relato de uma viagem a uma terra distante, utópica e surpreendente. O cronista, ao discorrer sobre o passado da capital, não produz a história da cidade, mas “uma” história da cidade sob sua própria ótica; uma paisagem distante cujas memórias e esquecimentos moldam a construção seletiva de seu passado (CATROGA, 2015).

O relato da urbanização e modernização da cidade nas crônicas de Aquiles, normalmente contrapondo-a à urbe antiga, característica dos românticos, pode ser compreendido como o motor de sua escritura, o que, segundo Viviane Mahieux (2011), é algo comum entre os jornalistas e escritores do período pré-industrial sul-americano. Apesar de não rotular as crônicas como documentos históricos, Mahieux aponta que elas são utilizadas como fonte para compreender as drásticas mudanças marcadas pela modernização e crescimento urbano. A autora relaciona a experiência dos cronistas com a cultura de massa, o que confere maior acessibilidade ao público leitor, além da proliferação da quantidade dos meios de comunicação e de suas tiragens (ibid.). A flexibilidade do gênero no cotidiano dos centros urbanos na América Latina, a relação do escritor e do leitor, assim como o papel da crônica na construção e nas modificações do urbano, sempre tendo em mente a concepção de Fernando Catroga, de que a memória é a seleção dos traços inscritos na tensão tridimensional do tempo (CATROGA, 2015), permite-nos entender a maneira como Aquiles retrata o passado de uma capital cujos traços memoriais, originários de construções coletivas (HALBWACHS, 1990), ajudam a descrever outra cidade, uma cidade ao mesmo tempo próxima e distante daquela que ele conhece.

Por meio de suas crônicas, encontramos inúmeras percepções do escritor sobre a sociedade, a crescente urbanização e modernidade da capital gaúcha. Apropriando-nos novamente de Mahieux, podemos considerar a crônica como uma “expressão que não pode estar dissociada da vida como práxis dos homens” (MAHIEUX, 2011, s.p.); um exercício cuja função apresenta um sentido duplo: a redação de um texto que é ao mesmo tempo literário e urbano. As crônicas de Aquiles nos permitem analisar de modo pontual como ocorreu a produção de rememoração sobre o passado de Porto Alegre e a transformação dessa escrita em um relato sobre uma cidade utópica e ideal, contrapondo-se à cidade estrangeira na qual vive nos anos 1920. As relações que o escritor executa entre a Porto Alegre oitocentista e a capital do século XX são construídas com a argamassa de suas lembranças pessoais e da memória coletiva da cidade (HALBWACHS, 1990), o que abaliza a legitimidade de sua narrativa, certificada pelo seu *status* de professor e escritor.

A evocação do passado porto-alegrense, distante do alcance de suas próprias memórias, tem um quê de Proust: por meio da rememoração desvelam-se os sentimentos nostálgicos do passado, ressignificando a compreensão temporal de uma experiência vivida. O cronista percebe a cidade transformada, enxerga as casas e os prédios antigos através das fachadas novas, reencontra um tempo perdido e o reivindica pela lembrança. Como aponta Sandra Pesavento (1999, p. 304), essa operação tem um “sabor nostálgico, sem que, necessariamente, o narrador deplora a mudança havida”. O cronista alega amar a sua cidade, que paulatinamente se remodela, renova-se e se embeleza:

Quer queiram, quer não queiram, eu revivo, porque recordar é viver, trechos e lances de vida já vivida. Recordar é retornar ao que se foi, é retornar ao passado e ficar nele por instantes, vendo com os olhos da memória as coisas como eram então, embora já não existam ou estejam transformadas. É verdade que o progresso, na sua faina transformadora, muda o aspecto aos seres e às coisas, mas eu, quando quero, vejo tudo como era ao tempo em que moços, com a alma e o coração cheios de poesia, olhavam a vida através de uma opala risonha (PORTO ALEGRE, 1923a, p. 7-8).

Mesmo com tais declarações, a lembrança da velha capital transparece em suas crônicas e o escritor, já septuagenário, defende-se e reivindica o direito de ter saudades do tempo que vivera. Percebe-se essa operação quando o cronista escreve sobre as festividades da cidade e suas mudanças em relação aos novos hábitos. As comparações entre o tempo presente e o “tempo perdido” não se escondem do olhar de Aquiles.

A percepção de Aquiles está na transformação do que já passou, na alteridade do rural - desaparecido - com a cidade moderna. A dualidade do caráter retrógrado e utópico, revoltado e melancólico do movimento romântico, perpassa não somente diferentes livros ou períodos de vida de um mesmo autor, mas muitas vezes dentro de uma mesma obra. Aquiles não escapa dessa sina:

As cidades não envelhecem - transformam-se. Ruas inteiras apresentam casarias muito diferentes das de há meio século. Até na chamada “cidade baixa”, que tem sido de progresso mais lento, observa-se este fato. (...) É verdade que essas transformações destruíram muitas coisas do passado, ligadas à história local. Onde as tradicionais correntes que ladeavam a praça na Harmonia e que presas a curtos e bojudos “postes” - que eram bocas de fogo que tomamos aos paraguaios, na cruenta e prolongada guerra, formavam uma interessante, negra e original cerca de ferro? E os relvosos vales que cortavam a várzea ao meio e eram restos das trincheiras cavadas na revolução dos Farrapos, de 1835? A vassoura do progresso varreu todo esse “lixo histórico” - para alindar a “*urbs*” (PORTO ALEGRE, 1920a, p. 33-34).

Misturando memória e história, a crônica de Aquiles é ao mesmo tempo nostálgica e melancólica, mas com um quê de ironia. Enquanto memória e história são processos, as crônicas são os fragmentos dessa operação, os resíduos desse procedimento. A memória não é menos residual do que a história: mesmo que as recordações do autor apresentem grandes volumes, temos ciência que são lampejos do que já foi um todo vivo e complexo (RICOEUR, 2007). Indiferentemente de como é relembrado ou reproduzido, o passado progressivamente escurece-se em sombras, priva-se de sensações, apaga-se pelo esquecimento (LOWENTHAL, 2015).

Apontamentos finais

Assim, nas obras de Aquiles, o centro urbano retorna à evidência. Como o escritor compreendia a capital sul-rio-grandense e a apresentou em suas obras? De que modo a “cidade moderna” é utilizada para compreender a “cidade antiga”? Charles Monteiro (2006, p. 143) fornece a primeira pista ao afirmar que “a influência do Romantismo permitiu a expressão, por um lado, de sentimentos de identidade com o território por meio do regionalismo e, por outro, do subjetivismo e individualismo”. Mais uma vez estreita-se a aproximação entre Aquiles e o Romantismo, principalmente daquele no qual a linha nacionalista é mais destacada. Ana Beatriz Barel (2002) aponta que o processo de construção da identidade nacional brasileira se desenvolveu a partir das relações políticas e culturais entre o Brasil e a França nos primeiros anos do século XIX, quando do momento da separação entre a colônia e a metrópole portuguesa. A escolha de um modelo romântico para a literatura, distinto do lusitano e ibérico oferecido por Portugal, repercutiu nas obras produzidas pela intelectualidade brasileira, influenciando no processo de construção de uma nação autônoma e na elaboração de formas específicas de representação artísticas.

Memória, retorno a um passado mítico, nostalgia e natureza, elementos recorrentes da produção romântica brasileira no século XIX e que perdurou até o início do XX, ao menos em solo gaúcho, não escapam do olhar de Aquiles. A relação entre o autor sulino e a corrente romântica pode ser compreendida como a apresentação (e muitas vezes a busca) de um passado perdido devido à aceleração do tempo histórico e as transformações da cidade que são observadas pelo cronista. Aquiles foi um escritor vigilante quanto às modificações da *urbs*. A maioria de suas crônicas e contos é redigida após a Proclamação da República, já sob os governos de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, políticos e reformadores positivistas que implantaram mudanças em diversas áreas e estruturas, tanto do Estado quanto da capital, sejam elas

administrativas, educacionais, arquitetônicas ou físicas (MONTEIRO, 2006). Aquiles aponta que:

Porto Alegre desenvolveu-se, com prejuízo de outras cidades mais velhas, devido à sua excelente posição geográfica. Entretanto é preciso notar-se que a cidade só começou a engrandecer-se depois do advento da República. Entregue a situação ao pugilo inteligente e forte de moços republicanos, com Júlio de Castilhos a frente, de logo começou a construção regeneradora. ‘Tudo está por fazer!’ Exclamava Júlio de Castilhos pelas colunas de A Federação. E tudo começou a ser feito, com vontade férrea e pulso forte (PORTO ALEGRE, 1920b, p. 45).

Percebe-se o entusiasmo do cronista com o crescimento de Porto Alegre, capitaneado por Júlio de Castilhos e pela ideia de que “tudo está por fazer!”, mote do governo republicano castilhista. Se em outras crônicas a capital acanhada, com poucos habitantes e com hábitos rurais é o exemplo da virtude perdida, dos valores esquecidos, nesta, Aquiles volta sua atenção para o desenvolvimento da cidade. Essa é uma situação comum entre os escritores românticos com ampla produção literária: em suas obras podemos encontrar momentos nos quais a melancolia e a exaltação do passado cedem lugar para o moderno, para o porvir (LÖWY; SAYRE, 2015). Aquiles recorrentemente encontra em sua juventude, na metade do século XIX, sua Porto Alegre ideal, mas não deixa de apontar a evolução da cidade.

Charles Monteiro (2006) assinala as crônicas de Aquiles como pertencentes a duas tradições de escrita sobre a cidade de Porto Alegre: uma literária, na qual se compreende a produção cronística do autor, um dos precursores da crônica moderna no Rio Grande do Sul, e outra historiográfica, visto que sua produção abarca fatos históricos e biografias. As obras de Aquiles têm como substância o dia a dia da capital, seu cotidiano, seus personagens, suas ruas, sua toponímia e, principalmente, sempre mesclando o memorialismo do “eu”, do cronista enquanto *flâneur*, as paisagens, os ambientes, os costumes e as tradições de Porto Alegre.

Os escritores românticos não erigiram suas obras em direção ao passado, procurando algo perdido e intangível; antes, trouxeram o passado para o seu presente. As crônicas de Aquiles carregam esse cariz que Eduardo Lourenço define como “inexplicável mistura de sofrimento e de doçura” (LOURENÇO, 1999, p. 59), a que chama “saudade” - um agudo sentimento de nostalgia, de uma origem perdida para sempre e que vive na lembrança da sua fulguração originária. A saudade torna o fato “passageiro” idealmente presente. Não é Aquiles quem tem saudade, mas a saudade é que lhe tem, que faz de si seu objeto. O autor, inebriado por essa saudade, torna-se outro; todo o seu ser, ancorado no presente, fica, de súbito, ausente e perdido em lembranças. Esse é um outro modo de estar presente no passado, ou mesmo de encontrar o passado no presente. A saudade se distingue de uma simples manifestação memorial, mas, na perspectiva dos escritores românticos, subentende a operação de resgate nostálgico de memória (LOURENÇO, 1999).

99

A memória é a antítese do presente, ou, em outras palavras, o esquecimento do vivido. Voluntária ou não, a memória evoca um passado que é idêntico em sua manifestação, em sua relação com a consciência, ao presente, apesar do sentimento de irrealidade que lhe acompanha. Três elementos podem ser utilizados pelos escritores românticos na elaboração de suas obras: enquanto o primeiro, a memória, oferece o passado como se ainda existisse, a segundo, a fantasia, concebe como simples invenção o que não existe; já o terceiro, a imaginação, apresenta o que não existe como se realmente existisse. Memória, fantasia e imaginação são espécies de “faculdades” da alma, dispositivos utilizados pelos escritores para encenar os seus modos de representação. A saudade, entretanto, é ainda mais forte em Aquiles, não é de ordem da representação, mas da vivência. Não é Aquiles quem contempla a saudade, analisa-a e a descreve, é ela que faz dele seu títere, que o faz irromper em saudosismo (ibid.).

O passado pode ser referido tanto no âmbito histórico quanto no da memória: seus cenários e suas experiências antecedem as próprias vidas dos escritores, tornando-se parte de suas lembranças. De fato, Aquiles aparenta ter consciência do passado como um cenário que coexiste com o presente, ao mesmo tempo que se distingue dele. O autor apresenta uma percepção amplamente consciente da vida orgânica; pensa sobre suas memórias, sobre a história de Porto Alegre, sobre a idade das coisas que o rodeiam. A reflexão do cronista normalmente distingue o aqui e o agora - tarefas sendo feitas, ideias sendo formadas, passos sendo dados - de coisas, pensamentos e acontecimentos passados. União e separação do passado e do presente, entretanto, estão em contínua tensão; o passado precisa ser sentido tanto como parte do presente como separado dele. Aquiles impregna de vida o passado, rememorando e pensando historicamente, mas o faz desvincilhando-se do presente do qual ele de fato existe

Hoje animam a vida da cidade, antigamente tão sem diversões, os cinemas, cabarés, e os cafés, onde se faz música e ... intrigas. Entretanto, nos velhos tempos, havia mais amor às letras e às artes. Para prová-lo, é bastante nomear duas grandes instituições de antanho. Uma mais antiga: o Partenon Literário e outra posterior, a Filarmônica Porto Alegrense. De ambos fez parte a escola da intelectualidade e arte porto-alegrenses. Saudoso tempo! O progresso é prático. Ao invés do sonho, quer realidade. Algumas coisas, com o progresso, mudaram para o pior e, destarte, a inofensiva “rifa” transformou-se no pernicioso “bicho”; a víspora familiar foi substituído pela traiçoeira e ratona roleta. Ai, a barateza dos refrigerantes nos rigorosos, infalíveis e calidíssimos estios antigos! Eram, a gengibirra, a três vinténs a meia garrafa, e o melado com água e o “maduro” - a vintém o copo. Hoje, são as aristocráticas gasosa e Alcina, que não têm certamente o sabor estranho, de uma ardência toda especial, do amarelo maduro - morto, esquecido pelos velhos que o saborearam e desconhecido das gerações atuais (PORTO ALEGRE, 1920a, p. 33-34).

A natureza subjetiva da memória torna-a uma bússola a um só tempo seguro e instável para o passado. Quando se evoca uma lembrança, seja ela verdadeira ou falsa, essa memória relaciona-se de alguma forma ao passado. Até um equívoco de memória envolve a recordação, ainda que distorcida, de alguma coisa. Nenhuma memória é totalmente enganosa; na verdade, uma falsa recordação na qual se crê firmemente torna-se um fato por si só. (LOWENTHAL,

2015). A relação que Aquiles apresenta entre os costumes e sociabilizações da Porto Alegre de antanho e a atual favorecem as duas operações propostas para a construção de um “país estrangeiro” a partir da elucidação de memórias, sejam individuais, sejam coletivas. Ao mesmo tempo que projeta sua experiência sobre fatos cotidianos, apoiado não só em suas lembranças, mas também em dados históricos, o cronista inventa a mitificação de uma época na qual “havia mais amor às letras”. Embora esse período possa ser “esquecido pelos velhos” e “desconhecido das gerações atuais” (PORTO ALEGRE, 1920a, p. 38), Aquiles percebe a alteração no ritmo das vidas na cidade e as mudanças nos perfis populacionais e ocupacionais, assim como a formação de sociabilidades distintas no centro de Porto Alegre e nos bairros periféricos. As mudanças provenientes das culturas imigrantes, principalmente alemãs e italianas, agregaram novas maneiras de apreciar os antigos costumes porto-alegrenses. A cidade de Porto Alegre se transforma e a percepção da metrópole como um “estilo de vida” é incorporada por imagens traduzidas da cultura de outros países (CONSTANTINO, 1994).

101

A cidade utópica de Aquiles encontra-se em sua memória, mas tem materialidade em suas crônicas. Os mitos, os casais açorianos fundadores do acanhado porém lúdico povoado que virá a se tornar a capital do Rio Grande do Sul, ajudam a criar, no imaginário de seus leitores, uma paisagem onde o “duro trabalho do machado, fazendo derrubadas, e da enxada e do fogo, cavando e aplainando o terreno para o começo de um mundo e o princípio de muitas e grandes vidas” (PORTO ALEGRE, 1920a, p. 17) difere da capital urbana das primeiras décadas do século XX.

Entre o final do século XIX e o início do XX, Porto Alegre passou por uma fase modernizadora que lhe alterou a sociabilização. Por meio de crônicas, Aquiles relatou essas mudanças, como o desaparecimento de edifícios que dariam lugar a outras construções, maiores, mais pomposas e higiênicas, a transformação dos Campos da Várzea no Parque da Redenção, assim como seu ajardinamento,

ou mesmo as transformações nas relações sociais e nos costumes da capital. As edificações antigas, acanhadas e tímidas, transformaram-se em “modernices elegantes”, e o cenário urbano que o escritor conhecera se transfigurava ao toque do “progresso”, cuja ação “varreu todo esse ‘lixo histórico’ para alindar a ‘urbs’...” (ibid., p. 34). A produção literária de Aquiles pode ser compreendida, assim, como um esforço para resgatar e guardar a memória de uma cidade que se ressentia de lugares físicos para lembrar sua história, servindo como ponto de ancoragem e cristalização da memória (MONTEIRO, 2006).

Referências

- ANDERSON, Benedict Richard O’Gorman. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Bourdieu, 2007.
- BAREL, Ana Beatriz Demarchi. *Um romantismo a oeste: modelo francês, identidade nacional*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.
- CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- CHRISTLIEB, Pablo Fernández. *El espíritu de la calle: psicología política de la cultura cotidiana*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2004.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. A conquista do tempo noturno: Porto Alegre “moderna”. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. XX, n. 2, p. 65-84, dez. 1994.
- DAMASIO, Cláudia Pilla. A construção da imagem cidade-progresso em Porto Alegre na virada do século. In: SOUZA, Celia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatáhy (org.). *Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1997, v. 1, p. 147-155.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre*. Guia histórico. 3.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1998.
- LIMA, Luiz Costa. *História*. Ficção. Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GILODI, Roberto. A melancolia: Anton Reiser (Karl Philipp Moritz, 1785-90). In: MORETTI, Franco (org.). *A cultura do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- GOELDEL, Denis. La mobilité des concepts des révolution, socialisme et démocratie. Étude des cas: Moeller van den Bruck. In: RAULET, Gérard. *Weimar ou l’explosion de la modernité*. Paris, France: Anthropos, 1984.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LOVEJOY, Arthur. The need to distinguish romanticisms. In: HALSTED, John Burt (org.). *Romanticism: problems of definition, explanation and evaluation*. Boston, D.C: Heath, 1965.
- LOWENTHAL, David. *The past is a foreign country*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2015.
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia. O romantismo na contracorrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- LÚKACS, György. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Duas Cidades/Edição 34, 2007.
- MAHIEUX, Viviane. *Urban Chroniclers in Modern Latin America: The Shared Intimacy of Everyday Life*. Austin: Texas University Press, 2011.
- MESCHONNIC, Henri. *Modernidade, modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2017.
- MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas: história e memória da cidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- MOREIRA, Maria Eunice. *Apolinário Porto Alegre*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1989.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do departamento de História da PUCSP*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PALERMO, Luís Cláudio. A aceleração do tempo e processo histórico em Reinhart Koselleck e Timothy Brook. *Transversos: Revista de História*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 300-325, abr. 2017.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.
- PORTO ALEGRE, Aquiles José Gomes. *Através do passado, crônicas*. 1.ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1920a.
- _____. *Flores entre ruínas, crônicas*. 1.ed. Porto Alegre: Tipografia Wiedmann & Cia., 1920b.
- _____. *Paisagens mortas, reminiscências*. 1.ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922a.
- _____. *Serões de inverno, crônicas*. 1.ed. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1923a.
- _____. *Noite de luar*. 1.ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1923b.
- _____. *Palavras ao vento, crônicas*. 1.ed. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1925a.

_____. *Prosa esparsa*, prosa. 1.ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1925b.

REMARK, Henry. West European romanticism: definition and scope. *In*: STALKNECHT, Newton; FRENZ, Horst (org.). *Comparative literature: method and perspective*. Carbondale: Southern Illinois Press, 1971.

RICOEUR, Paul. *A história, a memória, o esquecimento*. São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

Recebido em: 27 de maio de 2022.
Aprovado em: 10 de janeiro de 2023.